

Ritual da penitência, reformado a norma dos decretos do Concílio Vaticano II e promulgado pelo papa Paulo VI. São Paulo: Paulus, 2006.

Sacrosanctum concilium oecumenicum vaticanum II, *Constitutio De Sacra Liturgia Sacrosanctum Concilium* (04.12.1963), in AAS 56 (1964), 97-138.

Sottocornola, F. *Penitenza*, in L. Pacomio, ed., *Dizionario Teologico Interdisciplinare*. Casale Monferrato: 1972.

———. “Il nuovo “*Ordo Paenitentiae*”, *Notitiae* 10 (1974) 63-74.

Tillard, J.M.R. *Penitence et Eucharistie*, *MDieu* 90 (1967) 103-131.

Recebido em: 17/06/2016

Aprovado em: 06/09/2016

A cultura do encontro na nova paróquia

The culture of meeting
in the new parish

Denilson Geraldo*
Rodrigo Fernando Alves**

Resumo: A Nova Paróquia é chamada a converter-se e, gradualmente, a tornar-se “Comunidade de comunidades”, sobretudo a partir dos novos desenvolvimentos da eclesiologia na América Latina (CELAM), no Brasil (CNBB) e no pontificado de Francisco. A Nova Paróquia é lugar da escuta da Palavra, da Eucaristia (comunhão) e da Caridade (*ágape*). Nessa perspectiva, o artigo em questão busca compreender o valor das Festas e da religiosidade popular na dinâmica da Nova Paróquia. As Festas judaicas eram belos momentos de caridade, partilha com o templo, peregrinação, celebração familiar e dos dons da terra, encontro comunitário, cultivo da memória histórica. Hoje, as festas paroquiais e comunitárias são convidadas a resgatarem esses sentidos, motivadas pelo apelo do Papa Francisco de que cresça na Igreja a “Cultura do Encontro”. A Nova Paróquia pode promover, por meio das Festas e da Religiosidade popular, o encontro e a solidariedade no mundo globalizado, que sofre pelo individualismo e pelo egoísmo.

Palavras-chave: Nova Paróquia; Festas; Religiosidade popular; Cultura do Encontro.

* Doutor em Direito Canônico e professor do Programa de pós-graduação em Teologia da PUC-SP.

** Mestrando em Teologia do Programa de pós-graduação em Teologia da PUC-SP.

Abstract: The New Parish is called to gradually become “community of communities”, especially from the new developments in ecclesiology in Latin America (CELAM), Brazil (CNBB) and Francis pontificate. The New Parish is a place of listening to the Word, of the Eucharist (communion) and charity (*ágape*). In this perspective, the article in question seeks to understand the value of Feasts and popular religiosity in the dynamics of the new parish. Jewish Feasts were beautiful moments of love, sharing with the Temple, pilgrimage, family celebration and gifts of land, community meeting, cultivate the historical memory. Today, the parish and community Feasts are invited to redeem these senses, motivated by Francis Pope’s appeal that grow in the Church the “Culture of Encounter.” The New Parish can promote, through parties and popular religiousness, the meeting and solidarity in a globalized world, which suffers from the individualism and selfishness.

Keywords: New Parish; Feasts; Popular religiousness; Culture of Meeting.

Introdução

As Festas populares, bem como as religiosidades e devoções, sempre foram realidades do cristianismo. Isso porque o cristianismo, enquanto religião organizada civilmente, herdou a dimensão histórica do judaísmo, suas festas, incorporando outras formas culturais; afinal, fé e cultura são inseparáveis do ser-aí no mundo.

O presente artigo busca pontuar o conceito de Nova Paróquia, segundo os recentes desenvolvimentos da eclesiologia na América Latina, considerando os documentos da CNBB, do CELAM e do pontificado de Francisco. O conceito “Nova Paróquia”, promovido pelo Documento 100, *Comunidade de Comunidade: uma Nova Paróquia*, não exprime uma nova estrutura substitutiva à tradicional paróquia, mas se refere a sua reinvenção. A Nova Paróquia é “Comunidade de Comunidades” de “Discípulos-Missionários” (Dap) que anunciam e vivem a “Alegria do Evangelho” (EG). Esse axioma revela a identidade

e a missão da Nova Paróquia no qual tudo é renovado: sua estrutura/autocompreensão do mundo, seus sujeitos e ministérios, sua postura, pedagogia e linguagem, sua relação com a sociedade e as pessoas. É a “Antiga Paróquia” que, para “nascer de novo”, volta ao seio (ventre) da comunidade, mas o que permanece como critério e sentido é Jesus Cristo.

A partir dessa perspectiva, busca-se revisitar a teologia e a natureza das principais festas do judaísmo, para posteriormente construir uma ponte entre tais realidades que permeiam a história do Povo de Deus na Bíblia e o catolicismo atual. O segundo passo consiste em responder a pergunta: é possível efetuar um balanço das festas nas paróquias e comunidades do Brasil na atualidade? Essa questão obriga a refletir sobre a relação entre as festas e os valores bíblicos, como a caridade e a solidariedade, a vida e a comunidade.

1. As festas no antigo israel e no catolicismo contemporâneo

É fundamental desenvolver um paralelismo crítico entre as festas religiosas do antigo Israel e as festas no catolicismo contemporâneo, sobretudo em sua realidade mais concreta, que são as paróquias e comunidades. Indubitavelmente, há liames entre as nossas festas e aquelas *ancient* festividades, bem como rupturas que talvez nunca mais possam ser reconciliadas. Escreve André Vauchez: “A cada etapa da vida da Igreja, os cristãos fizeram escolhas no seio da vasta herança bíblica e marcaram uma predileção especial por episódios ou figuras que correspondiam melhor que outros às suas aspirações”.¹ É imprescindível avaliar se tais opções oferecem elementos de salvação para o homem de cada tempo.

Em geral, as festas no Antigo Israel nasceram em sintonia com o mistério da natureza e seu ciclo vital. Mircea Eliade afirma que,

¹ VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental. Séculos VIII a XIII*. Trad. de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 12.

nas sociedades primitivas, a natureza representava a regeneração e não era vista pelo agricultor como uma área *profana* da vida; ao contrário, o agricultor concebia a natureza como *sagrada*.² O povo judeu observava um calendário lunar³ que fixava as festas religiosas em determinadas estações do ano; por isso, estavam estritamente ligadas às estações da natureza. Significa que, “na primavera, os nômades oferecem à divindade os primogênitos do seu rebanho (Páscoa) e os camponeses sedentários, as primícias da colheita da cevada (Festa dos Ázimos); a Festa das Semanas situa-se no verão, no fim da colheita do trigo, e a Festa das Tendras no outono, no fim da colheita das frutas”.⁴ Posteriormente, a Festa dos Ázimos foi unificada à Festa da Páscoa. Assim, temos a descrição das três grandes Festas judaicas de “instituição mosaica”.

A partir do século XVI, com o desenvolvimento da sociedade moderna, as festas tiveram menor ligação com a natureza, com as estações do ano e com os astros e a lua. Nas grandes cidades e megalópoles, com a globalização e a tecnociência, que transformaram o mundo em uma “aldeia global”,⁵ o cinza dos prédios, asfaltos e computadores substituiu o verde da natureza. É assim que as festas católicas no meio urbano, apesar de conservarem o fundamento do calendário litúrgico, perderam sua relação direta com a natureza e a criação. A única ligação indireta foi o tradicional ciclo litúrgico. Francisco, em abril de 2016, no “O Vídeo do Papa”,⁶ apresentou

sua intenção mensal de oração pelos pequenos agricultores, para que não sejam atropelados pelo sistema capitalista e industrial e possam ter uma vida digna e abençoada. Em algumas paróquias e comunidades rurais o vínculo com a natureza ainda subsiste. Isso faz recordar a importância da água na Festa das Tendras (*Sukkot*).⁷

As festas judaicas contribuíram com elementos que refletem as festas e a religiosidade no catolicismo atual. Um desses elementos é a *peregrinação*. O próprio termo *hebreu*, ligado ao nome próprio *Eber* e à palavra *habiru* (Mesopotâmia/Egito), significa “aquele que cruza”, homem das peregrinações.⁸ As três grandes Festas judaicas eram *Regalim*, festas de peregrinação em que se caminhava a pé (*regel*) para Jerusalém. A origem da tradição judaica do “peregrinar” está em suas raízes nômades e pastoris, embora, mais tarde tenha sido institucionalizada em prol da economia de Jerusalém com a centralização das festas em Jerusalém no reinado de Josias (2Rs 22-23).⁹ As peregrinações judaicas (*Hag*) celebravam a alegria do povo e a soberania de Deus, como podemos ver no caso da Festa de *Sucot* em Ex 23 e 34: “A intenção fundamental da festa é “*comparecer diante do Senhor*” para honrá-lo”.¹⁰

Do mesmo modo, o catolicismo preserva a tradição do “peregrinar” como movimento de “saída de si mesmo”. Segundo Aragão, a viagem estimula o indivíduo a sair da sua trivialidade e dos condicionamentos para encontrar-se com seu interior. Muda o ambiente,

² ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Trad. de Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 267.

³ As festas judaicas eram regidas por um calendário lunar, enquanto o calendário agrícola era solar. In REHFELD, Walter I. *Nas sendas do judaísmo*. São Paulo: Perspectiva, 2003, p.192 (Associação Universitária de Cultura Judaica – Brasil). ROLLAND, Bernard & SAULNIER, Christiane. *A Palestina no tempo de Jesus*, (Cadernos Bíblicos) Trad. de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 1983, p. 35.

⁴ ROLLAND, Bernard & SAULNIER, Christiane. *A Palestina no tempo de Jesus*, (Cadernos Bíblicos) Trad. de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 1983, p. 35.

⁵ Expressão cunhada em 1989 na obra de McLUHAN, M. & POWERS, B.R. *The global village*. New York: Oxford University Press, 1989.

⁶ O Vídeo do Papa: pelos pequenos agricultores. Rede Mundial de Oração do Papa. Direção de Frédéric Fornos. 2016, 1:21 min. In: <http://thepopevideo.org/pt-br/video/>

pequenos-agricultores.html. Acesso em: 04/03/16.

⁷ HOOKER, Morna D. *Inícios: chaves que abrem os Evangelhos*. Trad. de Barbara T. Lambert. São Paulo: Loyola, 1998, p. 81.

⁸ DANIEL-ROPS, Henri. *A Vida diária nos tempos de Jesus*. Trad. de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 30. HOOKER, Morna D. *Inícios: chaves que abrem os Evangelhos*. Trad. de Barbara T. Lambert. São Paulo: Loyola, 1998, p. 81.

⁹ DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Trad. de Daniel de Oliveira. São Paulo: Ed. Teológica, 2003, p. 384.

¹⁰ ARAUJO, Gilvan Leite de. *Histórias da festa judaica das Tendras*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 15.

que é a casa e vestimenta do ser, e por isso o sujeito finalmente se vê como ele é em sua natureza.¹¹

Nas sociedades automobilísticas, com características de rapidez, individualismo e sedentarismo, peregrinar tornou-se uma necessidade humana. Francisco, ao instituir o Ano Jubilar da Misericórdia, reforça a importância da peregrinação.¹² Para os brasileiros que vivem nas cidades próximas a Aparecida, não é incomum ver a cena de romeiros que, saindo dos mais longínquos lugares, caminham a pé até a Basílica para “pagar uma promessa”.¹³ Essa fé, provada no suor e na devoção, testemunha a beleza do *homo viator*, o homem que sabe ser agradecido a Deus e sabe buscá-lo.

Outro elemento das festas judaicas era a *partilha dos bens*. A Lei Mosaica prescrevia os dízimos que cada judeu deveria entregar aos sacerdotes em Jerusalém por ocasião das peregrinações para as festas judaicas (Nm 18,20-32; Lv 27,30-31; Dt 14,22-26). Em tais ocasiões, a cidade recebia enorme quantidade de peregrinos, sua população era multiplicada em cinco. Como explica Jeremias, esse imenso fluxo de peregrinos à Jerusalém foi fundamental, pois, mais do que levarem seu dízimo ao Templo, ajudavam os mais necessitados e os grupos da população que viviam da caridade.¹⁴

As Festas judaicas possuíam, portanto, essa dupla dimensão econômica: a partilha com a instituição religiosa (Templo) e a partilha com os pobres e o povo (caridade). Esse sentido perpetuou-se na história eclesial, no entanto também é ameaçado por um tipo de capitalismo que prega apenas a maximização dos lucros. A questão coloca-se: como as festas religiosas podem capitalizar os recursos

necessários para as paróquias e comunidades, sem que a dimensão da caridade seja esquecida?

Outra característica das festas judaicas, sobretudo da Páscoa (*Pesah*), era a narração (*Haggadah*) na qual se fazia memória da *historia salutis*. Assim, na celebração pascal era componente o memorial que se faz dos benefícios do Senhor na história do povo, como uma atualização/pedido da bênção para o presente. Essa memória era feita pelo anúncio (*haggadah*) da salvação pascal, mediante a pergunta do jovem ao ancião. Que significado tinha essa liturgia? A própria celebração pascal tornou-se uma catequese mistagógica, em que o povo judeu, um povo pascal pelo sangue que escorreu da circuncisão/consagração, dá graças a Deus por sua ação libertadora, entoando os salmos do *Hallel*.¹⁵

O povo judeu sabia valorizar o tesouro da memória coletiva do povo. Pelo ato de “fazer memória”, a tradição era transmitida de geração em geração, tornou-se “tradição viva”. Os judeus transmitiam essa memória oralmente, um misto de espontaneidade e repetição da *historia salutis* contida na Torá. Então, se levanta a questão para as comunidades católicas: as festas paroquiais e comunitárias sabem valorizar a memória? Muitos desconhecem a história das pessoas que por ali passaram e trabalharam pela evangelização. Fazer memória dos membros da comunidade é fazer memória da própria história da salvação.

É sabido que a Festa da Páscoa (*Pesah*) teve origem na vida pastoril, enquanto a Festa dos Ázimos nasce na vida campesina. Mais tarde, com o advento da monarquia do rei Josias, essas festas são sintetizadas e centralizadas no Templo de Jerusalém, também por interesse econômico e nacionalista. Antes, todavia, a Páscoa

¹¹ ARAGÃO, Ivan Rêgo, “Turismo Cultural-Religioso, Festa Católica e Patrimônio em São Cristóvão-Sergipe-Brasil”, In Revista Pasos, v. 12, n. 1 (2014), p. 147.

¹² FRANCISCO, *Misericordiae Vultus*, São Paulo: Paulinas, 2015, n. 14.

¹³ Conforme informações do site oficial do Santuário Nacional de Aparecida, 12.225.608 peregrinos visitaram em 2014 o Santuário. In: http://www.a12.com/santuário-nacional/servicos/estimativa_de_movimento. Acesso em: 20/04/16.

¹⁴ JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém em tempos de Jesus*. 2. ed. Madrid: Ed. Cristiandad, 1980, p. 157.

¹⁵ AVRIL, Anne Catherine; MAISONNEUVE, Dominique De La. *As Festas judaicas*. Trad. de José Maria da Costa Villar. São Paulo: Paulus, 1997, p. 29.

era celebrada nos santuários regionais e nas próprias famílias (Ex 12,21-23), como escreve De Vaux.¹⁶

Na atualidade, é desafiante ao catolicismo saber conciliar essa tensão positiva, ou seja, incorporar suas festividades no âmbito da vida cotidiana das famílias e não apenas no espaço de celebração do culto. Afinal, enquanto os “papais noéis” e os “coelhos da páscoa” invadem as casas, a luz do círio e o presépio não podem ficar relegados aos templos e às igrejas. Nos lares, as futuras gerações irão se desenvolver em intimidade com a fé e seus elementos. É necessário perguntar como as festas das paróquias e comunidades conseguem envolver as famílias com incidência na sociedade.

Por fim, mas não menos importante, é crucial perceber que as festas judaicas foram festas do encontro. Utilizando palavras envolventes, o historiador Daniel-Rops comenta o espírito de encontro e unidade que balizava as Festas do Senhor no judaísmo:

O trabalhador diarista maltrapilho, o eremita em sua tanga, o rico mercador de Alexandria ou Babilônia em seu linho fino, todos se sentiam irmãos durante os dias que passavam nos átrios do Templo. Durante as cerimônias religiosas propriamente ditas, permaneciam ali, ombro a ombro. Mais tarde, nas ruas apinhadas, “percorriam Sião, rodeavam-na toda, contando-lhe as torres, notando os seus baluartes, observando os seus palácios”, para contar aos que tinham ficado em casa tudo o que tinham visto e louvar com eles o Todo-poderoso que ordenara tudo isso.¹⁷

No judaísmo, a identidade étnico-religiosa era muito importante. O judeu reconhecia a si mesmo e aos seus irmãos como “Israel de Deus”, o “Povo escolhido”, verdadeiras oportunidades de encontro e fortalecimento da unidade. O fascínio que Jerusalém exercia no imaginário dos judeus da Palestina e da Diáspora, durante o tempo dos festivais, concretizava um pouco daquele sonho da reunificação

final, na qual todos habitariam felizes a Cidade Eterna, a Jerusalém Gloriosa.

Francisco tem insistido na “cultura do encontro” para o contexto urbano atual. Ele escreve na *Evangelii Gaudium*: “Ao mesmo tempo, o que poderia ser um precioso espaço de encontro e solidariedade, transforma-se muitas vezes num lugar de retraimento e desconfiança mútua. As casas e os bairros constroem-se mais para isolar e proteger do que para unir e integrar”.¹⁸ O medo e a violência isolam as pessoas e, de forma antitética, as festas tornam-se cada vez mais vazias de sentido, organizadas para o sujeito divertir-se sem se envolver (comprometer-se). Zygmunt Bauman fala do estilo *cool*, no qual as pessoas estão tão céticas que não se comprometem, buscando apenas “ir às compras”.¹⁹ Contudo, o individualismo não é um privilégio da contemporaneidade. Vauchez relata sobre a liturgia na Alta Idade Média:

Na própria missa, a dimensão eclesial do sacrifício passou para o segundo plano. O individualismo, aliás, era um dos componentes fundamentais do clima religioso da época. Ele se manifestava nos padres, que começavam a celebrar missas particulares, sem assistência, e missas votivas por intenções particulares.²⁰

De fato, o cristianismo nasce do encontro entre Deus e a humanidade (na encarnação), entre Jesus e cada pessoa (*kerygma*) e entre os fiéis no Corpo de Cristo (*ekklesia*). As festas religiosas contêm a bela capacidade de conjugar o âmbito do sentido (sagrado) e o âmbito da alegria (da diversão). As festas judaicas possibilitam, enquanto matrizes litúrgicas, pensar em meios para favorecer a cultura do encontro nas paróquias e comunidades. Afinal, a vida

¹⁸ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, São Paulo: Paulinas, 2013, n. 75.

¹⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*. A busca por segurança no mundo atual. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.51.

²⁰ VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental*, p.16.

¹⁶ DE VAUX, 2003, p. 525.

¹⁷ DANIEL-ROPS, Henri. *A Vida diária nos tempos de Jesus*, p.227.

é sempre encontro, enquanto a morte é desintegração das ligações que compõem o *bíos*, a vida.

2. Celebrar o encontro e partilhar os dons

As tradicionais festas de comunidade e de santos padroeiros enfrentam hoje um momento de revisão. Em muitos lugares, onde era tradicional o movimento religioso ligado às grandes festas populares, com barracas e shows, hoje míngua ou até mesmo desapareceu em algumas cidades, comunidades de bairros e zonas rurais. Há algum tempo, grande número de pessoas aguardava o advento no calendário daquela festa do padroeiro para convivência familiar, amigos e vizinhos e até receber convidados de outras localidades como uma ocasião singular de encontro. Esperava-se para viver as rezas e novenários, bem como para saborear as guloseimas típicas, comidas que só estavam disponíveis naquela época do ano (por exemplo, o milho e o pinhão). As grandes festas no decurso do ano cristão eram a *Semana Santa*, *São José*, *o Divino Espírito Santo*, *o Senhor Bom Jesus e os Santos Patronos das Irmandades (Nossa Senhora do Carmo, da Conceição, do Rosário, São Francisco de Assis e São Benedito)*.²¹

De fato, essa é uma herança da religiosidade da América Luso-Espanhola, pois as grandes festas devocionais e processionais foram o caminho encontrado para catequisar as colônias. Tal herança secular perdurou por longo tempo nas cidades do interior. Havia demasiada expectativa pelos shows de artistas famosos, que movimentavam e tornavam badaladas as cidades. Era uma expectativa alegre para todos: tanto a “parte religiosa”, como a “parte profana”.

Nos séculos XVIII-XIX, existiam verdadeiros conflitos entre os bispos e vigários e as irmandades leigas em torno dessa questão. Abreu considera que “as festas organizadas pelas irmandades

foram, por sua vez, vistas como meios de mostrar riqueza e poder; suas músicas profanas e sensuais (...) responsabilizadas pela perda do espírito religioso e pelo esquecimento de que o mais importante eram os sacramentos da confissão e a comunhão”.²²

Na atual cultura, na qual os relacionamentos estão cada vez mais líquidos, o desafio é tornar os participantes da nova paróquia, participantes da vida sacramental e envolvidos com a comunidade em sua integralidade (pastorais, festas etc.), convidando para a comunidade os chamados “católicos não praticantes” e os “cristãos sem Igreja”.²³

Na história das religiões e também na história de Israel, as festas são ocasiões para a partilha dos indivíduos com a instituição religiosa, ou seja, para a captação de recursos. As paróquias e as comunidades, diante da personalidade jurídica que possuem, bem como das obrigações que têm mensalmente, sempre confluíram os resultados de suas festas para a subsistência e o pagamento de suas despesas ordinárias, sobrevivendo financeiramente do resultado que apuravam das festas de padroeiros. O trabalho da pastoral do dízimo trouxe uma visão de comprometimento mensal, não relegando essa responsabilidade somente para as festas.

Se em alguns locais as festas religiosas não são mais expressivas, as expressões de piedade popular não deixaram de existir e são características do catolicismo na América Latina, com marcas visíveis na vida e no programa anual das paróquias. Explica o Documento de Aparecida sobre a religiosidade na América Latina:

Entre as expressões dessa espiritualidade, contam-se as festas patronais, as novenas, os rosários e via-sacras, as procissões, as danças e os cânticos do folclore religioso, o carinho aos santos

²² ABREU, Martha. *Pensamento católico, abolicionismo e Festas religiosas no Rio de Janeiro, 1870-1890*. In: DO CARMO, Luiz Carlos Scavarda (Org.). *Cadernos de Fé e Cultura especial Magis*, n. 2 (11/2002), p. 141.

²³ BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja perplexa: as novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 63.

²¹ AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 109.

e aos anjos, as promessas, as orações em família. Destacamos as peregrinações onde é possível reconhecer o Povo de Deus a caminho.²⁴

Conciliar esses momentos, amadurecer a fé, fazer memória/memorial (*zikkarón*) dos bons tempos dos antepassados e usar de meios didáticos e atuais para esclarecer as razões para se repetir as tradições de ontem fazem com que a comunidade paroquial se fortaleça e possibilite às pessoas criarem laços e raízes. Também é possível estender o culto, presente no interno do templo, aos pátios das igrejas ou praças, proporcionando o verdadeiro sentido de fraternidade e do *ágape* cristão.

De um lado, sabemos que a cultura atual tende a individualizar as pessoas, a convidá-las a permanecer no conforto de suas casas, com suas TVs, *smartphones*, internet, redes sociais (*social network*) e o menor perigo de violência. Entretanto, aqueles que fazem a experiência da fraternidade na fé e entendem que a religião é também comunhão do pão da alegria multiplicam os espaços para convivência, festando com os irmãos e irmãs. A experiência do Evangelho contrasta com a cultura do isolacionismo. Afirma Francisco na Exortação *Evangelii Gaudium* que as devoções da religiosidade popular “estão aptas para alimentar potencialidades relacionais e não tanto fugas individualistas”.²⁵ Acerca disso, também escrevem os psicólogos Amatuzzi e Karam:

O crescimento se faz perceber dentro da comunidade, por exemplo, quando as vivências nela possibilitam os seus membros expressarem sua fé religiosa, auxilia-os a viverem melhor a vida familiar e fazerem pontes para outros contextos de vida. Quando ainda a comunidade é facilitadora de novos relacionamentos e amizades e estimula a participação em atividades diversas (festas,

pastorais, conselhos etc.). O crescimento se observa também na medida em que os seus membros fortalecem e ajudam uns aos outros nos momentos de fragilidade, aprendem algo útil para a vida e acolhem o novo e o diferente em seu meio.²⁶

Essa é uma realidade positiva da Nova Paróquia; onde há vida, as pessoas descobrem-se irmãs (*fraters*), deixam de ter pressa após a moção “ide em paz, e o Senhor vos acompanhe” e criam gosto de parar para falar da vida, comer alguma guloseima de quermesse e, quando engajadas, trabalham com prazer nas barracas e eventos da paróquia. Elas aprendem a degustar o encontro como realização escatológica no “já” da vida em comunidade.

Contudo, o encontro no cotidiano paroquial e nas festas é favorecido quando há testemunho da virtude (*aretê*), ou seja, a comunidade vivencia a verdade e a caridade. A transparência quanto à finalidade dos recursos obtidos nas festas e quermesses e o destino nas obras de caridade junto aos pobres possibilitam a participação das pessoas, tanto no trabalho voluntário como na colaboração em geral. Com estruturas para acolher e caracterizando-se por uma Igreja em saída, as festas religiosas reconfiguraram-se e tornam-se atrativas, iniciando pela acolhida, pela causa nobre para a qual se realizam e pela alegria daqueles que estão envolvidos na sua concretização. Enfim, oferecem um retorno positivo para a comunidade e tornam-se convidativas aos novos fiéis para uma experiência comunitária da fé.

É possível devolver algo aos que se envolveram na realização das festas, especialmente pelos investimentos em formação, mantendo os espaços da comunidade com a simplicidade e zelo e, sobretudo, empregar uma parte considerável em causas sociais, pois “a solidariedade, a compaixão e a opção pelos pobres são a linha mestra

²⁴ CELAM, Documento de Aparecida - Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, São Paulo: Paulinas, 2008, n. 259.

²⁵ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 90.

²⁶ AMORIM, Henri Karam & AMATUZZI, Mauro Martins. Vivência comunitária católica e crescimento pessoal. In: Revista PSICO, v. 42, n. 3 (2011), p. 400.

que perpassa toda a mensagem revelada, expressando a escandalosa parcialidade de Deus na defesa do inocente”.²⁷

A Nova Paróquia, chamada a uma conversão pastoral, levará consigo uma de suas riquezas entre seu patrimônio, que a faz diferenciada da maioria das demais instituições da sociedade e também a caracteriza: sua religiosidade popular, capaz de agregar as pessoas, trazer alegria do encontro na sadia convivência. Na verdade, “em qualquer situação e lugar a religião estabelece sentido para a existência humana diante das agruras, das dores e das ameaças do cotidiano”.²⁸ A festa é momento de *koinonia* e a comunidade cristã vivencia a comunhão de bens e dos corações.²⁹

3. A Dimensão Caritativa da Festa Paroquial

A Nova Paróquia é convidada a revitalizar as festas religiosas na pós-modernidade, encontrando embasamento nas Escrituras, é chamada a evangelizar pelas próprias festividades e religiosidade popular em sintonia com as orientações de Francisco. Mais, ainda, a Nova Paróquia possui o dever moral de aplicar adequadamente os recursos captados, ou seja, exercer com responsabilidade a sua vocação à caridade. Tal como se afirma na Exortação *Evangelii Gaudium*, “o conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade”.³⁰

As irresponsabilidades fiscais e administrativas são lamentáveis atos que afastam as pessoas da vida comunitária. Apesar dos maus exemplos que a história aponta, a Igreja Católica é conhecida promotora e guardiã da caridade na civilização Ocidental e, afirma Woods, “exigiria volumes sem conta para elaborar uma lista

completa das obras de caridade católicas promovidas ao longo da história por pessoas, paróquias, dioceses, mosteiros, missionários, frades, freiras e organizações leigas”.³¹ O próprio Voltaire, continua Woods, ácido crítico da Igreja, teria afirmado sobre as religiosas: “Talvez não haja nada maior na terra que o sacrifício da juventude e da beleza com que belas jovens, muitas vezes nascidas em berço de ouro, se dedicam a trabalhar em hospitais pelo alívio da miséria humana, cuja vista causa tanta aversão à nossa sensibilidade”.³²

A Igreja no Brasil também é expoente da ação caritativa, comprovada pelas inúmeras “Santas Casas”, modelo assistencial do catolicismo português, e “a Campanha da Fraternidade constituiu um *aggiornamento* da atuação social da Igreja no país”,³³ desenvolvendo-se ininterruptamente por mais de quarenta anos, tendo como binômios a evangelização e a solidariedade como modelo de doação e captação de recursos em escala nacional. O Documento de Aparecida descreve “os rostos sofredores que doem em nós”:³⁴ pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades, os migrantes, os enfermos, os dependentes de drogas, os detidos em prisões. O Documento 105 publicado pela CNBB, *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade*, afirma que a dor dos mais sofredores comove a partir das “entranhas”, tocando todos os fiéis profundamente e impelindo à missão.³⁵

É absolutamente necessário que parte dos recursos obtidos nas festas e quermesses paroquiais tenha uma destinação caritativa. No início da *Carta Apostólica Intima Ecclesiae natura*, Bento XVI fundamenta teologicamente tal postura, considerando que a natureza

³¹ WOODS, Thomas E. Como a Igreja Católica construiu a Civilização Ocidental. São Paulo: Quadrante, 2008, p. 160.

³² Ibidem, p. 159-160.

³³ BRITO, Márcia & MELO, Maria Emília. *Hábitos de doar e captar recursos no Brasil*. São Paulo: Petrópolis, 2007, p. 118.

³⁴ CELAM, Documento de Aparecida - Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, n. 407-430.

³⁵ CNBB, Doc. 105, n. 181.

²⁷ BRIGHENTI, Agenor. *A missão evangelizadora no contexto atual*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 36.

²⁸ OLIVEIRA, Irene Dias & ROSA, Rafael Lino. A Religiosidade Trinitária do povo goiano. In: *Horizonte teológico*, v. 9, n. 23 (2011), p. 764.

²⁹ CNBB, Doc. 100 n. 84.

³⁰ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 177.

íntima da Igreja exprime-se num tríplice dever que se reclamam mutuamente: anúncio da Palavra de Deus (*kerygma-martyria*), celebração dos Sacramentos (*leiturgia*), serviço da caridade (*diakonia*), considerando que a prática da caridade é missão intrínseca da Igreja particular e dos Bispos. Assinala que o *Código de Direito Canônico* não trata especificamente da caridade no âmbito do ministério episcopal, mas tal âmbito é aprofundado no *Diretório para o ministério pastoral dos Bispos* e explica que a caridade surge “do coração”, da espontaneidade dos fiéis, necessitando ser gerida por leis canônicas e civis.³⁶

Nessa perspectiva, os fiéis leigos têm o direito de se associarem para a prática da caridade, desde que observem a normativa e estejam em comunhão com a Igreja. A missão do Bispo diocesano de coordenar o serviço da caridade e salvaguardar para que o espírito evangélico seja mantido, possibilita uma pedagogia da caridade que não seja mero assistencialismo, mas uma educação para os valores humanos e cristãos. Por isso, não se recomenda que os organismos de caridade financiem “entidades ou instituições que persigam fins em contraste com a doutrina da Igreja”,³⁷ nem aceitar contribuições advindas de iniciativas igualmente antievangélicas. Finalmente, o Bispo diocesano deve cuidar para que a gestão dos recursos dê testemunho de sobriedade cristã, sem exageros das despesas e na distribuição dos ordenados. Tal vigilância manifesta-se, sobretudo, na prestação de contas das entidades caritativas.³⁸ Francisco cita essa Carta Apostólica na Exortação programática *Evangelii Gaudium*, quando trata da “confissão de fé e do compromisso social”, fazendo da ação caritativa uma chave hermenêutica da atual doutrina social da Igreja.³⁹

Em seu discurso aos participantes do *Congresso internacional de pastoral das grandes cidades*, Francisco incentiva o protagonismo

e a liberdade dos leigos e leigas, em contraposição ao problema da “enfermidade do clericalismo”.⁴⁰ Afinal, os pastores podem ser mola propulsora ou estranguladora das iniciativas do laicato. Em uma de suas homilias na capela da Casa Santa Marta, Francisco ressaltou a necessidade que nossos tempos possuem de cristãos de “ação e de verdade”, não “cristãos de palavra”, exortando a Igreja a “falar menos com palavras e mais com gestos”, a ir ao encontro dos mais necessitados, sendo menos burocrática e mais ousada.⁴¹ Em seu livro-entrevista, *O nome de Deus é Misericórdia*, considera que a imagem da Igreja que lhe apraz é do “hospital de campanha”, cuja principal característica é estar onde se combate: “Não é a estrutura sólida, dotada de tudo, onde se vão curar as pequenas e grandes doenças. É uma estrutura móvel, de primeiros socorros, de intervenção imediata, para evitar que os combatentes morram. Pratica-se a medicina de urgência, não se fazem *check-up* especializados”.⁴²

Outra perspectiva que Francisco ressalta, quando aborda as temáticas sociais (paz, justiça e caridade), é sobre a unidade na diversidade e a união em prol do próprio ser humano, que ele denomina como “pastoral do ecumenismo caritativo”, no qual os cristãos de diversas Igrejas e comunidades unem-se em benefício dos mais pobres.⁴³

Desse modo, é perceptível que as festas religiosas se desdobram, não obstante o sentido cristão e espiritual, em ação caritativa e solidária. Como integrante de sua natureza, a caridade no ser Igreja e a

⁴⁰ FRANCISCO. Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades, 24 de novembro de 2014, Roma.

⁴¹ FRANCISCO. Cristãos de ação e de verdade. Homilia de 27 de junho de 2013. In: FRANCISCO, Homilias da Manhã na Capela da Domus Sanctae Marthae, 2014, p. 260.

⁴² TORNIELLI, Andrea. *O nome de Deus é Misericórdia*, São Paulo: Planeta, 2016, p. 87.

⁴³ FRANCISCO. Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades, 24 de novembro de 2014, Roma. In: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandì-citta.html. Acesso em: 23/04/16.

³⁶ BENTO XVI. *Intima Ecclesiae natura*, Brasília: CNBB, 2009.

³⁷ Idem, Art. 10 § 3.

³⁸ Idem, Art.10 § 4-5.

³⁹ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 177-178.

justa administração das festas tradicionais e dos eventos arrecadatórios da Nova Paróquia fortalecem a *Cáritas* diocesana/paroquial e outras entidades beneficentes. Para tanto, é fundamental que os recursos captados não gravitem em torno da própria paróquia para melhorias meramente estruturais ou para ampliar a conta bancária.

Outra questão a ser considerada é das comunidades paroquiais ou capelas que funcionam mais como instituição do que como comunidades de discípulos de Jesus Cristo e organizam-se em função de festas, almoços e bailes. Parecem mais um clube social que não têm como finalidade a evangelização. Nessas comunidades, às vezes, na celebração, aparecem poucas pessoas, mas lotam os salões para as suas promoções. Geralmente, em tais grupos os pobres não participam das festividades ou não são atendidos pelos valores levantados, sendo esquecidos.⁴⁴ Na verdade, também os recursos e donativos captados integram a eclesiologia em saída, ou seja, em saída para os pobres e os mais necessitados. A Igreja é naturalmente peregrina, a exemplo de Jesus, e seus recursos seguem o mesmo destino. Beozzo conta que, ao encontrar-se com um grupo de ciganos acampados perto de Roma, Paulo VI exclamou: “Vós vos encontrais no coração da Igreja. Não tendes pátria, não tendes morada, sois os mais pobres dos pobres, imagem da Igreja do Vaticano: peregrinos perpétuos com os olhos fixos na Pátria Eterna!”⁴⁵

Conclusão

O desafio para as comunidades é fazer da festa paroquial um símbolo da vida em Cristo. Refletiu-se que, no judaísmo, as festas acompanhavam o ciclo das estações, da morte (outono) e ressurgimento da vida (primavera), considerando que o “sagrado” expande seu círculo para novos espaços de encontro e solidariedade. Desse

modo, as festas e a religiosidade popular passam a ser notadas como sagrada na eclesiologia “Povo de Deus”, “Comunidade de comunidades”.

As festas possuem, desde o judaísmo, também uma repercussão econômica, mas isso é positivo quando a Nova Paróquia é percebida como “casa dos discípulos-missionários”⁴⁶ e sinal de solidariedade. É possível superar a visão unilateral da celebração dos sacramentos, pois a fé também é alegria da festa e caridade para com os pobres. Além disso, as festas e as devoções populares podem ser remédios para algumas enfermidades da globalização, tais como o egoísmo e o indiferentismo. A própria teologia das devoções populares fundamenta-se na partilha de dons, que também acontece entre o céu e a terra na comunhão dos santos, conscientizando de que há um Corpo Místico que supera o individualismo.

Finalmente, as festas e a religiosidade popular ajudam a se compreender o sentido do conceito de salvação que passa pela humanização, pelo encontro e pela partilha de dons. Na Nova Paróquia ou na Paróquia Renovada, os recursos captados nas festas não se tornam um contratestemunho religioso, mas são destinados ao Povo de Deus, sobretudo aos mais pobres. A consolidação das festas e da religiosidade popular poderia ter como principal consequência o fortalecimento da *Cáritas* diocesana/paroquial e de outras entidades beneficentes do Povo de Deus. Afinal, afirma Brighenti, “a salvação, como bem caracterizou Medellín na perspectiva da *Populorum Progressio*, é passagem de situações menos humanas para mais humanas”.⁴⁷

⁴⁴ CNBB, Doc. 100 n.35.

⁴⁵ BEOZZO, José Oscar & LORSCHIEDER, Aloísio. 500 Anos de Evangelização da América Latina, Petrópolis: Vozes, 1992, p. 18.

⁴⁶ CNBB, Doc.100, n. 187.

⁴⁷ BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja perplexa: a novas perguntas, novas respostas*, São Paulo: Paulinas, 2004, p. 105.

Bibliografia

- AMORIM, Henri Karam; AMATUZZI, Mauro Martins. Vivência comunitária católica e crescimento pessoal. In: *Revista PSICO*, v. 42, n. 3 (jul./set. 2011), Porto Alegre, p. 393-400.
- ARAGÃO, Ivan Rêgo; MACEDO, Janete Ruiz de. Festa e Turismo religioso: a procissão em louvor ao Nosso Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão (Sergipe – Brasil). In: *Horizonte teológico* v. 9, n. 20 (jan./mar. 2011), Belo Horizonte, p. 96-113.
- ARAGÃO, Ivan Rêgo. Turismo Cultural-Religioso, Festa Católica e Patrimônio em São Cristóvão – Sergipe – Brasil. In: *Revista Pasos*, v. 12, n. 1 (2014), Ilhas Canárias (Espanha), p. 145-158.
- ARAUJO, Gilvan Leite de. *Histórias da festa judaica das Tendras*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- AVRIL, Anne Catherine; MAISONNEUVE, Dominique De La. *As Festas judaicas*. Trad. de José Maria da Costa Villar. São Paulo: Paulus, 1997.
- AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*. A busca por segurança no mundo atual. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BENTO XVI. Carta Apostólica sob a forma de Motu Próprio Intima Ecclesiae natura (11 de novembro de 2012). In: *Acta Apostolicae Sedis*, 104, 2012.
- BEOZZO, José Oscar; LORSCHIEDER, Aloísio. *500 Anos de Evangelização da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de Viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja perplexa: as novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *A missão evangelizadora no contexto atual: realidade e desafios a partir da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BRITO, Márcia; MELO, Maria Emília. *Hábitos de doar e captar recursos no Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2007.

- CELAM, Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, São Paulo: Paulinas, 2008.
- CNBB. Comunidade de Comunidades: uma Nova Paróquia. Doc. 100. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- _____. Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade. Sal da terra e Luz do mundo (Mt 5,13-14). Doc. 105. Brasília: Edições CNBB, 2016.
- DANIEL-ROPS, Henri. *A Vida diária nos tempos de Jesus*. Trad. de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Trad. de Daniel de Oliveira. São Paulo: Ed. Teológica, 2003.
- DO CARMO, Luiz Carlos Scavarda (Org.). *Cadernos de Fé e Cultura especial Magis*, n.2, 2002.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Trad. de Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013.
- _____. *Bula Misericordiae Vultus*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015.
- _____. Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades, 24 de novembro de 2014, Roma. In: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html>. Acesso em: 23/04/16.
- _____. Homilias da Manhã na Capela da *Domus Sanctae Marthae*. Brasília: Ed. CNBB, 2014.
- HOOKER, Morna D. *Inícios: chaves que abrem os Evangelhos*. Trad. de Barbara T. Lambert. São Paulo: Loyola, 1998.
- JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém em tempos de Jesus*. 2 ed. Madrid: Ed. Cristiandad, 1980.
- MARTIN-ACHARD, Robert. *Essai biblique sur Les Fêtes d'Israël*. Genève: Labor et Fides, 1974.

McLUHAN, M.; POWERS & B.R. *The global village*. New York: Oxford University Press, 1989.

NUNES, Antônio Vidal & QUEIROZ, Rodrigo Danúbio. A experiência do tempo no sagrado e no profano à luz da interpretação de Mircea Eliade. In: *Aufklärung*, v. 1, n. 2 (2014), João Pessoa, p. 125-146.

OLIVEIRA, Irene Dias; ROSA, Rafael Lino. A Religiosidade Trinitária do povo goiano. In: *Horizonte teológico*, v. 9, n. 23 (out./dez. 2011), p. 763-781.

O VÍDEO do Papa: pelos pequenos agricultores. Rede Mundial de Oração do Papa. Direção de Frédéric Fornos. 2016, 1:21 min. In: <http://thepopevideo.org/pt-br/video/pequenos-agricultores.html>. Acesso em: 04/03/16.

REHFELD, Walter I. *Nas sendas do judaísmo*. São Paulo: Perspectiva, 2003 (Associação Universitária de Cultura Judaica – Brasil).

ROLLAND, Bernard; SAULNIER, Christiane. *A Palestina no tempo de Jesus*. Trad. de José Raimundo Vidigal (Cadernos Bíblicos), São Paulo: Paulus, 1983.

TORNIELLI, Andrea. *O nome de Deus é Misericórdia*. São Paulo: Planeta, 2016.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental. Séculos VIII a XIII*. Trad. de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

WOODS Jr, Thomas E. *Como a Igreja Católica construiu a Civilização Ocidental*. Trad. de Élcio Carillo. São Paulo: Quadrante, 2008.

Recebido em: 29/08/2016

Aprovado em: 01/10/2016

Resenhas
